



O uso da literatura para o ensino da tanatologia

The use of literature for teaching thanatology

Autores¹

RESUMO: A tanatologia é uma área do conhecimento que visa discutir o processo de morte e morrer e permite a construção de novos entendimentos sobre o mesmo, numa perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, este artigo analisa como a literatura pode ser utilizada para o ensino da tanatologia, com base no livro de Ricardo Azevedo, “Contos de Enganar a Morte”. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e exploratório, analisando como as questões relacionadas ao processo de morte e morrer são percebidas no contexto da educação. A utilização dos conceitos de *mathesis*, *mimesis* e *semiosis* na perspectiva de Roland Barthes (2013) permitiu a compreensão da abrangência do texto literário como ferramenta pedagógica. Conclui-se que a educação é um fenômeno de grande complexidade e que precisa ser desenvolvida a partir de um contexto permeado pela interdisciplinaridade, visando à formação do sujeito em seu sentido mais holístico. Nesse contexto, o uso da literatura para o estudo da tanatologia pode auxiliar no processo de formação das pessoas, desenvolvendo maior autocompreensão e mais resiliência.

Palavras-chave: Tanatopedagogia. Educação para a morte. Ensino em Saúde.

ABSTRACT: Thanatology is an area of knowledge that aims to discuss the process of death and dying and allows for the construction of new understandings about it, from an interdisciplinary perspective. In this sense, this article analyzes how literature can be used for teaching thanatology, based on Ricardo Azevedo's book, “Contos de Enganar a Morte”. The work was developed based on a qualitative research with a bibliographic and exploratory nature, analyzing how issues related to the process of death and dying are perceived in the context of education. The use of the concepts of *mathesis*, *mimesis* and *semiosis* within the

¹ **Márcia Maria de Medeiros.** Possui graduação em História pela Universidade de Passo Fundo (1996), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2006). Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) nos cursos de Turismo, Química Industrial e Enfermagem. Professora permanente do programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da UEMS. Tem experiência na área de História, sendo sua área de estudo a História Cultural, estabelecendo relações entre a literatura e outras áreas do conhecimento como a História e a Saúde. Coordenadora do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da UEMS (LETAN/UEMS).

Gustavo Bocon Lopes. Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas da Iniciação Científica da UEMS. Pesquisador do LETAN/UEMS.

Luiz Alberto Ruiz da Silva. Graduação em Educação Física pela Universidade Federal da Grande Dourados. Especialista em Envelhecimento Humano pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Mestre em Ensino em Saúde pela UEMS. Pesquisador do LETAN/UEMS.



perspective of Roland Barthes (2013) allowed the understanding of the scope of the literary text as a pedagogical tool. It is concluded that education is a phenomenon of great complexity and that it needs to be developed from a context permeated by interdisciplinarity, aiming at the formation of the subject in its most holistic sense. In this context, the use of literature for the study of thanatology can help in the process of educating people, developing greater self-understanding and more resilience.

Keywords: Thanatopedagogy. Death Education. Health Education.

1. Introdução

A obra de Ricardo Azevedo, intitulada “Contos de Enganar a Morte”, se propõe a apresentar quatro narrativas populares trazidas da oralidade e que falam sobre o processo de morte e morrer. Compõe a obra as histórias “O homem que enxergava a morte”, “O último dia na vida do ferreiro”, “O moço que não queria morrer” e “A quase morte de Zé Malandro”. O próprio Azevedo explica como nasceu a inspiração para trabalhar com esta temática, ao afirmar que:

Certa segunda-feira, eu estava na quarta série do primeiro grau, a professora entrou na classe com uma péssima notícia: o pai de um colega nosso tinha morrido afogado em Bertioga, no litoral paulista. Lembro do sentimento de medo: e se meu pai também morresse? Lembro de estremecer de pena e tristeza por causa do meu amigo. Lembro de me perguntar: o que é a morte? (AZEVEDO, 2003, p. 58).

Da narrativa do autor do livro, algumas assertivas chamam a atenção e mostram a necessidade de discutir sobre as questões que envolvem a tanatologia desde a infância, promovendo aquilo que Grzybowski (2014) intitula educação para a morte, ou tanatopedagogia, cujo conteúdo, pela complexidade do tema, pode causar certa ansiedade entre estudantes e professores. O autor ainda argumenta que o debate sobre as questões relativas ao assunto permeia um campo interdisciplinar que envolve a “(...) psicologia, filosofia, ética, teologia, antropologia, sociologia, cultura ou especialidades da pedagogia e geragogia” (GRZYBOWSKI, 2014, p. 315).

Diante dessas premissas, torna-se pertinente encontrar elementos que permitam refletir sobre a educação para a morte e apresentar a temática desde a mais tenra infância, no sentido de construir fatores promotores da saúde, neste



caso a saúde mental. Para Oliveira e Medeiros, o debate e a reflexão sobre o assunto: “Engloba discussões de temas como doenças, violência, cuidados com a saúde, valorização da vida, utilização do tempo, entre outros, as quais, feitas de uma perspectiva educativa, podem propiciar aprendizagens a partir do enfrentamento da perda, seja ela de que tipo for” (OLIVEIRA, MEDEIROS, 2017, p. 07).

De acordo com Oliveira e Medeiros (2017), introduzir no currículo escolar (independente do nível) questionamentos e disciplinas vinculadas ao processo de morte e morrer, ou que mencionem perdas, pode gerar questionamentos. As autoras ainda afirmam que a condução inadequada deste tipo de temática pode ser prejudicial aos sujeitos do processo educativo. No entanto, este tipo de discussão é indispensável para compreender que a morte é um processo natural que faz parte da vida (ELIAS, 2001; GRZYBOWSKI, 2014). Sobre o assunto informa Norbert Elias que:

Talvez devêssemos falar mais aberta e claramente sobre a morte, mesmo que seja deixando de apresentá-la como um mistério. A morte não tem segredos. Não abre portas. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias (ELIAS, 2001, p. 77).

O silenciamento em relação ao processo de morte e morrer observado no currículo escolar apresenta-se como um reflexo das concepções e atitudes em relação ao mundo que têm sido adotadas nas culturas ocidentais (OLIVEIRA, MEDEIROS, 2017) isso desde o advento da Revolução Industrial, momento a partir do qual a sociedade ocidental¹ passa a ocultar as questões relativas à finitude (ARIÈS, 2003). Nota-se que a principal estratégia utilizada para falar sobre o tema com as crianças é justamente ocultar o assunto, sendo possível afirmar que:

Assim, não se fala sobre a morte reconhecendo-a enquanto um fato próprio do viver e tende-se a afastar as crianças de todas as evidências que se relacionam a ela. Esta postura de negação da morte se repete no âmbito educacional, revelando-se pela ausência de discussões sobre o tema (OLIVEIRA, MEDEIROS, 2017, p. 19).

Diante do exposto, cabe perguntar qual a posição da tanatologia nos programas educacionais? Como a literatura pode ser utilizada enquanto



elemento para elucidar questões relativas a este campo, auxiliando no melhor desenvolvimento da saúde mental dos indivíduos?

2. Apontamentos sobre a educação para a morte

Santos entende que a tanatologia e temas pertinentes a esta área constituem parte da vida e debater sobre eles permite a construção de instrumentos pedagógicos que visam o aprendizado sobre a própria essência do ser humano. Para o autor, “a morte e sua consequência, o luto, seriam (...) instrumentos pedagógicos por excelência para refletirmos e educarmo-nos sobre (...) a vida, a felicidade e o amor” (SANTOS, 2014, p. 327).

Neto (2014) compreende a educação como um fenômeno cujo grau de complexidade perpassa por vários meandros que envolvem questões relativas a maneira como uma sociedade em dado momento histórico constrói suas relações com o pensamento (portanto com o ato de filosofar); com as emoções (contexto que pode ser relacionado com psicologia); e com a memória (elemento pertinente ao campo dos estudos históricos).

Nenhum dos elementos elencados acima é estanque, constituindo-se em processos dinâmicos que se alteram periodicamente devido à força de fatores internos e externos que permeiam o ato de viver e existir em um universo educativo. Entre os fatores internos podem ser citados elementos relativos à estrutura e ao ambiente cotidiano das pessoas conforme aponta Maia (2010). No caso do ambiente educacional podem ser citados como exemplo desses fatores internos a própria grade curricular. Nas palavras de Incontri, “(...) essa ‘grade’, como é concebida e aplicada na escola, é uma verdadeira prisão, limitando e mesmo impedindo a liberdade do ser e do saber” (INCONTRI, 2014, p. 341).

Quanto aos fatores externos, Maia (2010) os compreende como sendo constituídos por processos relativos à exclusão social e àqueles inerentes ao ambiente familiar. Para Incontri os vínculos afetivos desenvolvidos no contexto familiar, bem como “(...) a presença e [o] cuidado de adultos significativos no desenvolvimento psíquico, cognitivo e moral da criança” (INCONTRI, 2014, p. 343) são elementos primordiais para um crescimento saudável.



Ser um adulto presente e significativo que auxilie no desenvolvimento de uma criança não significa silenciar sobre a morte e os fenômenos correlatos a ela, pois não elucidar questionamentos que advenham das perdas ou ocultar sobre o processo de morte e morrer não altera a realidade da finitude. Sobre o assunto revela Maria Júlia Kovács que:

Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar. A morte da mãe, do pai ou de um irmão provoca uma imensa dor; falar dessa morte não significa criar ou aumentar a dor, pelo contrário, pode aliviar a criança e facilitar a elaboração do luto (KOVÁCS, 2010, p. 49).

Diante do exposto e devido à dificuldade em se lidar com o tema, percebe-se na literatura um instrumento importante para auxiliar no processo educativo sobre as questões referente a tanatologia e a tanatopedagogia. Roland Barthes entende a literatura como um tecido que constrói uma série de significados sobre os mais diversos assuntos. Na opinião deste autor, a literatura é constituída por um jogo de palavras que possuem forças intrínsecas ao próprio texto literário, quais sejam elas “*mathesis, mimesis, semiosis*” (BARTHES, 2013, p. 18).

Sobre a *mathesis*, cabe salientar que ela representa o fato de que a literatura em si mesma, encerra uma série de saberes que podem ser transmitidos de forma lúdica e que permitem às pessoas a compreensão do universo de símbolos que constituem a sua cultura, de forma mais palatável. Conforme Roland Barthes:

(...) a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (*saber* e *sabor* têm, em latim, a mesma etimologia). (...) É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo. Sei, por exemplo, que muitas proposições de Michelet são recusadas pela ciência histórica; isso não impede que Michelet tenha fundado algo como a história da França e que, cada vez que um historiador desloca o saber histórico, no sentido mais largo do termo e qualquer que seja seu objeto, nele encontramos simplesmente: uma escritura (BARTHES, 2013, p. 22, grifos no original).

Quando o texto literário se propõe a explicar sobre a morte (em especial o texto de Ricardo Azevedo) ele o faz utilizando das palavras no sentido barthesiano, ou seja, construindo uma série de invectivas que tornam a morte menos temível e mesmo vivenciando elementos de comicidade, como se percebe na narrativa intitulada “O último dia na vida do ferreiro”:



O ferreiro pediu para a mulher sair da sala. Chamou a Morte de lado, confessou que tinha um último pedido. Era importante. Antes de morrer, queria tocar um pouco de viola.

- Tudo bem – disse a Morte –, mas seja rápido, pois tenho outras pessoas para levar.

O velho ferreiro tirou a viola do armário, sentou-se numa cadeira confortável e começou a tocar.

Ao escutar aquela música mágica, a Morte estremeceu e saiu pela sala pulando, dançando e sapateando (AZEVEDO, 2003, p. 27).

A situação descrita acima apresenta um contexto que faz com que a morte se torne alvo do riso beirando o ridículo (ALBERTI, 2002) o que atenua a ameaça que ela representa e o medo que causa. Considerando a premissa de Paiva (2011) sobre o assunto, é possível utilizar deste tipo de material para oferecer algumas respostas e provocar reflexões sobre a finitude trazendo para o contexto educativo da infância maneiras diferentes de perceber a morte e o morrer.

Grzybowski entende que o processo educativo precisa promover o debate sobre questões inerentes ao sofrimento, pois essa premissa faz parte da vida e atinge o ser humano em qualquer idade. Por isso, o autor argumenta que educar para a morte é educar “(...) para a vida consciente (...) [com base] na ideia do cuidado constante com a vida e a melhoria da sua qualidade” (GRZYBOWSKI, 2014, p. 316).

O primeiro passo para que esse contexto se realize positivamente está na aceitação e na conscientização de que o sofrimento e as perdas inerentes a ele (entre elas a de pessoas queridas) fazem parte da vida e são uma constante na existência humana, retirando a aversão em se falar sobre o tema. Neste sentido, David Le Breton anuncia que “a dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana melhor repartida: nenhum privilegiado reivindica ignorância em relação a ela ou se vangloria de conhecê-la melhor que qualquer outro” (LE BRETON, 2013, p. 25).

O texto literário pode ser utilizado mais uma vez para auxiliar na compreensão desta questão relativa a inexorabilidade do processo de morte e morrer, ao se tomar como exemplo a narrativa “O homem que enxergava a morte”, conforme se percebe na citação abaixo transcrita:



- Coisa nenhuma! – exclamou o médico saltando vitorioso da cama. – Você jurou que só me levava quando eu terminasse de rezar. Pois bem, pretendo levar anos para acabar minha reza...

Ao perceber que tinha sido enganada mais uma vez, a Morte resolveu ir embora, mas antes fez uma ameaça:

- Deixa que eu pego você!

Dizem que aquele homem ainda durou muitos e muitos anos. Mas um dia, viajando, deu com um corpo caído na estrada. O velho médico bem, que tentou, mas não havia nada a fazer.

- Que tristeza! Morrer assim sozinho no meio do caminho!

Antes de enterrar o infeliz, o bom homem tirou o chapéu e rezou o Pai-Nosso.

Mal acabou de dizer amém, o morto abriu os olhos e sorriu. Era a Morte fingindo-se de morto.

- Agora você não me escapa!

Naquele exato instante, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz (AZEVEDO, 2003, p. 20).

A citação remete a pontos importantes que merecem ser analisados mais detidamente, a começar pelo fato de que o texto mostra que a morte alcança a tudo aquilo e a todo/toda aquele/aquela que tem vida. Sendo assim, lutar contra ela é algo impossível. Este trecho possui a característica daquilo que Giles (1984) entende por problema filosófico, ou seja, algo que apresenta simplicidade em termos da sua elaboração, mas grande complexidade no que se refere ao alcance da resposta.

Percebe-se nesse contexto, a força da *mimesis* barthesiana anunciada no fato de que “(...) a literatura se afaina na representação de alguma coisa” (BARTHES, 2013, p. 22). Através da narrativa de Azevedo (2003) nota-se o fulgor da representação de uma realidade que é fato inegável e que permite designar uma série de conhecimentos/saberes possíveis, mas de uma maneira sutil, justamente por trazer em seu cerne uma das questões inerentes a condição humana, qual seja ela, a que se relaciona à finitude da vida.

Assim, a linguagem literária torna-se uma possibilidade a ser utilizada para conduzir e propiciar discussões “(...) sobre a morte e o sofrer em vários níveis de amplitude (...)” (GRZYBOWSKI, 2014, p. 316), tornando-se, pois, uma ferramenta pedagógica importante para auxiliar no processo da educação para a morte, proporcionando aquilo que Santos (2014) enuncia como uma atitude estética diante do processo de finitude.



Incontri (2014) entende que este tipo de debate é algo difícil de ser alcançado no padrão educativo que o ambiente escolar apresenta hodiernamente considerado pela autora como tradicional, burocratizado, desumanizado e incapaz de lidar com questões que envolvem a vida e a morte, bem como as que envolvem emoções e perdas. Neste sentido o ambiente escolar pouco contribui para a construção de sujeitos resilientes. Sobre o assunto, afirma Incontri que:

Ora, para criar resiliência e atribuir significado positivo às dificuldades; para trabalhar um luto, é preciso que a criança tenha vínculos fortes, que lhe deem segurança, que a acolham, que a escutem. (...). Wilma Torres, a primeira brasileira a trabalhar a questão do luto infantil, refere-se à estabilidade emocional, que provém dos vínculos (INCONTRI, 2014, p. 343)ⁱⁱ.

O texto literário é um elemento importante a ser utilizado para potencializar discussões sobre a condição humana e, portanto, sobre aspectos que são inerentes a esta condição, entre eles o processo de morte e morrer. Antônio Cândido (2011) defende que a literatura se constitui em elemento fundamental para promover a instrução e a educação no sentido de implementar nos currículos escolares propostas que dotem os sujeitos do processo educativo de valores intelectuais e afetivos, tal como expressa a narrativa “O moço que não queria morrer” (AZEVEDO, 2003).

Nesta história, Azevedo (2003) apresenta aos leitores e leitoras as aventuras de um jovem que considerava a morte uma injustiça e que procurava pela terra na qual as pessoas nunca morriam. Depois de muito buscar por este lugar, o jovem deparou-se com uma mulher de inigualável beleza, com quem viveu por quinhentos anos em um espaço paradisíaco de fartura e alegrias. Porém, um dia sentiu saudades da família, da cidade em que nascera e dos amigos e resolveu visitá-los, o que culminou em um processo de grande frustração pessoal:

Chegando à pequena vila onde tinha nascido, encontrou uma cidade grande e muito movimentada.
Falou seu nome. Ninguém conhecia.
Perguntou sobre sua família. Ninguém mais se lembrava.
Procurou sua antiga casa. Não existia mais.
(...)



Foi andando e quanto mais andava mais sentia o corpo fraco. Era uma mistura de cansaço, espanto, saudade e fome (AZEVEDO, 2003, p. 43).

O trecho acima transcrito evoca o que Cândido identifica como o espaço no qual o pensamento humano transcende para o “(...) sonho acordado das civilizações” (CÂNDIDO, 2011, p. 177) *lócus* que permite às pessoas equilibrarem o seu inconsciente com a finalidade de manterem a sua sanidade, conforme preconiza o estudioso da literatura em seu texto. Percebe-se aí um jogo com os elementos simbólicos que constituem a linguagem literária, anunciando a ideia de *semiosis* (BARTHES, 2013), no que se refere a ideia da eternidade e ao sofrimento que pode advir da mesma.

O reconhecimento da dimensão do ser humano expresso pela ideia de finitude é importante para o processo de autoconhecimento, além de permitir o desenvolvimento de valores como solidariedade, empatia e resiliência diante da perda (INCONTRI, 2014), os quais são fundamentais para a ampliação do respeito a diversidade e para o entendimento do sofrimento do outro, que passa a ser compreendido então como presença, de acordo com as premissas de Heidegger (2012).

Percebe-se assim a necessidade de tratar de temas complexos como os que envolvem a questão relativa ao processo de morte e morrer (KOVÁCS, 2010) e de fazê-lo utilizando de palavras e experiências que estejam ao alcance dos envolvidos, trazendo a questão para uma dimensão na qual ela possa ser assimilada. Exemplo dessa premissa pode ser analisado a partir da citação que segue abaixo transcrita:

A Morte resmungou mas aceitou. Subiu na árvore, arrancou um figo e lá ficou. Não conseguiu mais descer de jeito nenhum.
Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.
Deixou a Morte presa lá em cima, furiosa.
Com a Morte aprisionada no alto da figueira, a confusão na cidade onde Zé Malando vivia foi geral. Como ninguém mais morria, os coveiros e os fabricantes de caixões ficaram sem trabalho. Os médicos e os hospitais perderam a clientela. E, além disso, houve desemprego, pois as pessoas não sem aposentavam mais nem cediam lugar para as outras mais jovens (AZEVEDO, 2003, p. 50-51).

O texto em questão revela aspectos importantes para o debate sobre o processo de morte e morrer que podem levar a refletir sobre o fato de que a



morte faz parte da vida, introduzindo a discussão de maneira lúdica. De certa forma, a narrativa apresenta um universo que se torna caótico devido à ausência da morte pressupondo a necessidade de rever esse contexto e de entender que perdas acontecem e podem mesmo ser necessárias. Nesse sentido, Neto expõe sobre a necessidade de discutir sobre a educação para a morte quando afirma que:

Trazer a morte e promover aprendizagem a partir do enfrentamento da perda no cenário educacional é promover uma mudança radical na pedagogia do ocidente para deixar surgir novos paradigmas educativos e novas propostas de teorização pedagógica, considerando-se a integralidade do homem como ser biológico, psicológico, sócio histórico e espiritual, um ser para a morte, mas que pode e deve viver com qualidade (NETO, 2014, p. 339).

A premissa referendada por Neto já é apontada por Cicely Saunders quando a mesma desenvolve o conceito de dor total o qual se caracteriza por ser um conjunto complexo de aspectos que envolvem desde questões físicas até questões espirituais (MENEZES, MEDEIROS, 2020), apontando para a necessidade do entendimento do cuidado de doentes terminais em uma perspectiva holística.

A proposta a ser observada quando se transmuta esta perspectiva para o campo da educação é a do alcance de uma educação com a mesma amplitude, ou seja, capaz de preparar os sujeitos do processo educativo para bem viver a vida e a morte. Na obra *Pampaedia*, escrita no século XVII, Jan Amos Comenius aborda o tema ao propor a existência do que se poderiam chamar de oito escolas, quais sejam: “do nascimento, da infância, da puerícia, da adolescência, da juventude, da idade adulta, da velhice e da morte” (COMENIUS, 2014, p. 291).

Na apresentação da obra de Comenius utilizada na redação deste artigo, Dora Incontri chama a atenção para algumas perspectivas didáticas apontadas pelo pensador nascido na Morávia (atual República Tcheca) as quais são utilizadas como premissa para o que contemporaneamente consta como base da Declaração Universal dos Direitos Humanosⁱⁱⁱ, a saber o princípio da educação para todos (COMENIUS, 2014). Neste sentido, Incontri afirma que a proposta pedagógica de Comenius pretendia: “(...) a realização plena das potencialidades da criança, a melhoria do mundo e consequentemente a felicidade de todos os



seres humanos, de todos os povos e de todas as nações” (COMENIUS, 2014, p. 09)^{iv}.

A leitura de *Pampaedia* permite compreender que o educador tcheco já apontava para a importância: da aprendizagem ativa; das premissas educativas pautadas no diálogo entre os sujeitos partícipes do processo de ensino; o valor da pesquisa enquanto elemento formativo e; principalmente “(...) [da] educação continuada, como um processo que vai desde antes do nascimento da criança até à morte, entendendo-se a própria vida, como escola permanente do ser humano” (COMENIUS, 2014, p. 10).

Na opinião de Comenius (2014) a finitude não é algo que se relaciona única e exclusivamente à velhice, mas é algo inerente e possível para sujeitos de qualquer faixa etária. Some-se a isso o fato de que o autor compreende que cabe ao ser humano buscar aquilo que ele enuncia como sendo “uma morte feliz” (COMENIUS, 2014, p. 291), ou seja, a morte para a qual as pessoas procurarão não temer, pois, na opinião do educador “se não temeste nascer, porque hás de temer a morte? A decisão de uma e outra destas coisas não está em tuas mãos (...)” (COMENIUS, 2014, p. 288-289).

Santos (2014) corrobora com a assertiva proposta por Comenius e ainda indica que o processo de morte e morrer e todas as questões de caráter existencial que ele evoca trazem perguntas profundas e difíceis de serem respondidas porque elas causam medo ao ser humano. Para Santos, tais questionamentos são capazes de gerar angústia e a negação da condição vulnerável que é característica da existência humana:

Essa atitude nos paralisa, nos leva ao pânico e reagimos quase de forma pavloviana com atitudes de fuga ou luta. Na fuga, nos encastelamos em ilusões, fantasias de negação, isolamentos de emoções, tecnicismos; no ataque, investimos grandes esforços para encontrar uma cura absoluta e definitiva, no sentido de que possamos matar a morte, como no caso das infecções, onde o agente patológico deve ser vencido através de antibióticos ou de vacinas e com isso nos tornarmos imortais no aqui e no agora (SANTOS, 2014, p. 328).

Nesta perspectiva, o uso do texto literário pode trazer elementos importantes para a reflexão sobre as questões tanatológicas e tanatopedagógicas, permitindo compreender que a morte constitui em elemento



entranhado à vida e que não existem mecanismos que sejam capazes de lutar contra o indefectível. A literatura oferece possibilidades pedagógicas no contexto educativo, permitindo o amadurecimento pessoal e a criação de novas atitudes filosóficas e estéticas por parte do sujeito frente a existência, diminuindo a angústia diante do processo de morte e morrer.

3. Considerações finais

A educação é um fenômeno complexo que precisa ser visto a partir de um âmbito interdisciplinar visando à formação do sujeito em seu sentido mais holístico. Neste sentido ela precisa ser alicerçada em práticas pedagógicas que se pautem por ideias as quais não sejam preconcebidas, e que perpassem pela capacidade dos educadores e educadoras saírem da sua zona de conforto e se apropriarem da realidade do seu entorno, a fim de tornarem o ato de educar algo mais instigante.

A realidade em que se vive atualmente está permeada por processos de sofrimento. Exemplo dessa questão pode ser tangenciada pela pandemia da COVID-19, a qual obrigou o mundo vivenciar a fragilidade da existência e fez com que a morte retornasse para o lugar central das notícias em todos os meios de comunicação. O que se pretende com esta afirmação é trazer o entendimento de que, no cenário pandêmico, a existência de uma potencial ameaça para a qual o tecnicismo não tinha uma resposta, impediu o silenciamento/ocultamento sobre a morte.

Portanto, processo de morte e morrer é parte constituinte da realidade humana e não é salutar silenciar sobre esta questão por todos os sentimentos que o contato com essa verdade atávica pode auferir ao ser humano: angústia, ansiedade, medo, sensação de incapacidade, depressão etc.

A educação pode atuar enquanto potência no sentido de transformar esse processo, pois, ao trazer a tanatologia e a tanatopedagogia para o contexto escolar (seja ele o da educação básica ou superior) permite-se que haja uma transformação da mentalidade dos atores do processo educativo em relação ao tema, e por consequência, uma mudança na maneira como a sociedade ocidental encara o processo.



O uso da literatura enquanto elemento para a discussão da educação para morte é algo pertinente a ser considerado e pode ser feito diante de uma perspectiva de educação que se pautem em princípios interdisciplinares. O texto literário apresenta-se um universo fecundo em termos de construção de sentidos e representações sobre as mais diversas esferas da existência humana, entre elas a que envolve a morte.

Neste sentido, educar para a morte torna-se correlato ao ato de educar para a vida oferecendo às pessoas envolvidas, a potencial consciência de que a finitude é uma realidade que elas irão enfrentar, bem como as perdas que são consentâneas ao processo, e justamente por isso, a dignidade humana é algo importante e que merece ser respeitado.

Existem atos e experiências que são eminentemente humanos, pelo fato de que se tem (ou se deveria ter) consciência sobre eles. Entre estes atos e experiências está a consciência em relação a própria finitude. E também as possibilidades encerradas nos atos de educar e de aprender, os quais modificam seus atores em seu cerne e permite que esses atores transformem a realidade social da qual fazem parte.

Logo, educar para a morte, possibilitar reflexões sobre as perdas que são inerentes à existência humana (e que podem se constituir em enfrentamento realizados cotidianamente); e compreender que, a partir desses processos, as pessoas vivenciam momentos de luto, torna-se importante para a reflexão crítica sobre a finitude enquanto elemento inerente ao ciclo vital. E a literatura constitui-se em instrumento pedagógico que permite aludir a todas essas questões.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena. **O riso e risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2003.

BARTHES, Roland. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.



CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5 ed, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

COMENIUS, Jean Amós. **Pampaedia** (Educação Universal). São Paulo: Editora Comenius, 2014.

DUDH. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em <https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf> acesso 06 de agosto de 2021.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**, seguido de Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GILES, Thomas Riles. **O que é filosofar?** São Paulo: EPU, 1984.

GRZYBOWSKI, Przemyslaw Pawel Tanatopedagogia. SANTOS, Franklin Santana, SCHLIEMAN, Ana Laura, SOLANO, João Paulo Consentino (orgs). **Tratado Brasileiro sobre perdas e luto**, São Paulo: Atheneu Editora, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

INCONTRI, Dora. A morte e o luto, a criança e a escola – é possível integrar essas questões em uma educação desintegrada? SANTOS, Franklin Santana, SCHLIEMAN, Ana Laura, SOLANO, João Paulo Consentino (orgs). **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014, p. 341- 345.

INFANTE, Francisca. A Resiliência como processo: uma revisão de literatura recente. MELILLO, Aldo. et al (orgs.). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 23-38.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. KOVÁCS, Maria Júlia (coord.) **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 49-58.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.

MAIA, Zenaide. **Fatores internos e externos que influenciam no rendimento escolar**. Monografia. Especialização em Gestão Pública da Universidade Federal do Paraná, 2010, 16 p. Disponível em <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/68589/E%20-%20ZENAIDE%20MAIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>, acesso 23 de julho de 2021.

MENEZES, Aline Nunes, MEDEIROS, Márcia Maria de. **Dicionário Crítico de Tanatologia**. Dourados, MS: UEMS, 2020.

NETO, Florêncio Reverendo Anton. Perdas e luto – uma experiência a trabalhar no contexto do educador. SANTOS, Franklin Santana, SCHLIEMAN, Ana Laura, SOLANO, João Paulo Consentino (orgs). **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014, p. 337-339.



OLIVEIRA, Bruna Tadeusa Genaro Martins, MEDEIROS, Márcia Maria de (orgs). **Por que, quando e como falar sobre a morte na escola: material de apoio ao (a) professor (a) dos anos iniciais do ensino fundamental.** Dourados/MS: Editora da UEMS, 2017.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças.** A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Ed digital. Aparecida: Editora Idéias e Letras, 2011.

SANTOS, Franklin Santana Educando estudantes e profissionais das áreas da saúde, humanas e sociais sobre morte, perdas e luto. SANTOS, Franklin Santana, SCHLIEMAN, Ana Laura, SOLANO, João Paulo Consentino (orgs). **Tratado brasileiro sobre perdas e luto.** São Paulo: Atheneu, 2014, p. 327-335.

ⁱ Por sociedade ocidental aqui, entende-se o grupo humano constituído pelos parâmetros de representação cultural herdados da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, em um âmbito eurocêntrico.

ⁱⁱ Não é objetivo deste trabalho discutir sobre o conceito de resiliência. Para fins do que este artigo se propõe, resiliência aqui é compreendida no mesmo sentido aplicado a ela por Infante (2005), segundo o qual questões de intervenção psicossocial podem promover nos sujeitos habilidades no sentido de superação das adversidades, auxiliando no processo de adaptação a sociedade e a alcançar melhor qualidade de vida.

ⁱⁱⁱ Elemento disposto item 1 do artigo 26 de Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) o qual preconiza que toda pessoa tem direito à educação, sendo ela gratuita (pelo menos a correspondente ao nível elementar fundamental). Some-se a isso o fato de o referido texto ressaltar que o ensino elementar deve ter caráter obrigatório. Ademais, o ensino técnico e profissional deve ser generalizado e o acesso ao ensino superior precisa ser facultado a toda pessoa, reguardando a igualdade entre os sujeitos e em função de seu mérito.

^{iv} O item 2 do artigo 26 da DUDH infere que: “A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz” (DUDH, 1948, p. 06).